

## PERFORMANCE TERRITORIAL DOS CONTRATANTES DE MICROCRÉDITO NA PERIFERIA DE SOBRAL-CE

*Territorial performance of microcredit contractors in the periphery of Sobral-CE*

Sara Heline Rodrigues de Brito Silva<sup>1</sup>

Luiz Antônio Araújo Gonçalves<sup>2</sup>

Nilson Almino de Freitas<sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho trata sobre a performance territorial dos contratantes do microcrédito institucional na periferia de Sobral-CE, compreendendo os agenciamentos gerados a partir do microcrédito e suas implicações culturais entre os moradores e moradoras / contratantes nos bairros periféricos acionadas pela adesão ao aval solidário (articulação mútua para aprovação do microcrédito) e na formação dos negócios/atividades de serviços e comércios. A discussão se prende a refletir sobre a performance individual sustentada em um substrato de crenças, pensamentos e afetos que ocorrem nesse tipo de implantação de uma cultura empreendedora no bairro pobre da cidade, e que podem transformar determinados modelos de solidariedades entre os contratantes e os moradores, como também causar o rompimento de vínculos entre os tomadores de microcrédito, sobretudo quando os compromissos entre os membros do grupo do aval solidário não são efetivados com os bancos. Essas situações alteram a convivência, a performance territorial dos contratantes e as práticas empreendedoras intra e interbairros.

**Palavras-Chave:** Performance territorial. Microcrédito. Periferia.

### ABSTRACT

This paper addresses the territorial performance of microcredit institutional services on periphery of Sobral-CE (Ceará), understanding the arrangements generated by microcredit and its cultural implications among residents/microcredit institutions in peripheral neighborhoods, triggered by the adoption of the solidarity guarantee (mutual collaboration for microcredit approval) and in the formation of businesses/services and commercial activities. The discussion focuses on reflecting upon the individual performance sustained by a substrate of beliefs, thoughts and affections that occur in the implementation of an entrepreneurial culture in the poor neighborhood of the city, and which can transform certain models of solidarity between microcredit institutional services and residents, as well as lead to the breakdown of ties between microcredit borrowers, especially when the commitments between the members of the solidarity guarantee group are not fulfilled with the banks. These situations alter the social dynamics, the territorial performance of borrowers, and the entrepreneurial practices within and between neighborhoods.

**Keywords:** Territorial performance. Microcredit. Periphery.

1 Mestra em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PROPGE) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Professora efetiva da Rede Pública Estadual do Ceará (SEDUC-CEARÁ). saraheline@hotmail.com.

✉ Rua José Claudio de Araújo, Centro, Mucambo, CE. 62170-000.

2 Geógrafo, Professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). luiz\_goncalves@uvanet.br.

✉ Centro de Ciências Humanas (CCH/UVA) - Campus Junco, Av. John Sanford, 1845, Junco, Sobral, CE. 62.030-976.

3 Professor da área de Antropologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA/Sobral-CE) e do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). nilsonalmino@hotmail.com.

✉ Avenida Mãe Rainha, 572, Renato Parente, Sobral-CE. 62033-010

## INTRODUÇÃO

As relações construídas pelos moradores dos bairros periféricos da cidade média de Sobral, no Noroeste cearense, a partir da obtenção do microcrédito, ressaltam os diferentes modos de mobilização e difusão desse mecanismo de microfinança na periferia das cidades brasileiras. Os discursos políticos e justificativas socioeconômicas das gestões municipais e instituições financeiras reforçam o empreendedorismo como um conjunto de enunciados que visa promover outra conduta baseada na capacidade individual de cada sujeito, criando a figura do empreendedor e da empreendedora, muito embora o que essas pessoas busquem realmente seja escapar à vulnerabilidade socioeconômica que atinge suas famílias.

A experiência considerada pioneira de microcrédito foi implementada por Muhammad Yunus, nos anos 1970, com um sistema de crédito para a população de baixa renda de Bangladesh. Essa experiência foi reconhecida por incluir as pessoas no sistema bancário com base nos laços de compromisso e nas relações que estas possuíam em seus territórios. Essa iniciativa ajudou a combater a pobreza naquele país, de maneira que em 1983, o Grameen Bank foi o primeiro banco do mundo especializado em microcrédito e difundiu essa modalidade de concessão de crédito de pequena monta, baseada na metodologia de empréstimos com aval solidário (Gonzalez; Righettib; Di Serioc, 2014).

Desse modo, o presente artigo buscou compreender os modos como os homens e mulheres que contratam microcrédito passam a incorporar esse mecanismo financeiro, concebendo uma performance territorial, ou seja, a maneira como interagem em suas relações pessoais com seus pares em um movimento de recriação de suas ações no processo de des-re-territorialização no seu bairro.

Nosso entendimento sobre a dimensão do território na pesquisa teve como base a sinergia entre os agenciamentos coletivos de enunciação e os agenciamentos maquínicos de corpos individuais (ou desejo) em que o território é um conjunto de agenciamentos, articulando pensamento e desejo, caracterizado pela ocorrência permanente dos outros dois componentes, a desterritorialização e a reterritorialização (Haesbaert; Bruce, 2002).

A teoria usada perpassa pela relação entre corpo, performance, territorialização, cultura e lugar. Estes conceitos visam refletir as tensões resultantes das performances provocadas por agências corporais individuais nas relações socioespaciais e intersubjetivas. A apreensão parte, assim, do corpo individual como agente construtor de sentido, territorializado e pautado em invenções culturais que definem um lugar social a ser ocupado, neste estudo de caso, a partir de mecanismo do microcrédito que os auxilia no desenvolvimento de seu pequeno negócio.

A ideia de invenção da cultura está pautada nas reflexões de Wagner (2010). Para esse autor, cultura não pode ser pensada somente como bens materiais e imateriais produzidos pela humanidade ou por um grupo. Ela também não pode ser vista como um sistema funcional equilibrado com elementos interdependentes, bem como não pode ser pensada de modo isolado, como elementos exclusivos de um lugar, nem somente como um conjunto de sistemas simbólicos.

A cultura é também uma maneira de falar e fazer em perspectiva, e isso inclui as agências individual e coletiva mediadas pela criatividade. É uma espécie de tradução de experiências compartilhadas que tendem a entrar em tensão com outras em busca de consenso ou dissenso, isto é, se diferenciar. É um movimento sinérgico de esforços no sentido de buscar o desejo de

Performance territorial dos contratantes de microcrédito na periferia de Sobral-CE  
Sara Heline Rodrigues de Brito Silva, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Nilson Almino de Freitas

unidade ou identidade coletiva para ter mais força nas agências de territorialização do espaço e do tempo, definindo propriedades materiais e simbólicas ao lugar em que investem suas agências corporais, ou seja, se territorializando.

A cultura é, portanto, um movimento. O corpo individual é o promotor desse movimento, junto com outros corpos que se aliam ou se rivalizam. Neste caso, o olhar sobre a performance é fundamental, pois esta não se relaciona ao  **fingir**, prática que comumente as pessoas relacionam à representação teatral, mas às ações e de como estas criam um substrato de crença, pensamentos, afetos e práticas sociais (Paiva, 2018).

Para Espinosa (2009), os afetos são estímulos que promovem mudanças. São estímulos múltiplos promovidos pelos corpos em interação. São encontros e desencontros de potências, desejos e agências que promovem movimento e transformação. O corpo sofre pressões sociais que tendem a discipliná-lo. Ao mesmo tempo, reage, do seu jeito, a essas pressões. Nesse caso, o corpo não é passivo a fluxos, institucionalizações de condutas individuais e coletivas, nem às estruturas de dinâmicas socioespaciais mais amplas e coercitivas. Mesmo aqueles corpos que ocupam lugares onde a disciplina e controle são aplicadas de forma cruel, como se discute nos marcos teóricos da crítica social promovida pela discussão sobre a interseccionalidade<sup>1</sup> ou da necropolítica<sup>2</sup>, entende-se aqui que, ao mesmo tempo, o corpo resiste.

1 Padovani (2017) informa que o conceito foi discutido visando criticar o sistema de opressão social, especialmente os que se apresentavam nas relações de gênero, etnia, local de moradia, dentre outros marcadores sociais de diferença.

2 Mbembe (2016) entende que a necropolítica é a definição de parâmetros, especialmente por parte do estado, de quem pode morrer e quem pode viver. É o extermínio autorizado de determinados corpos que incomodam, sejam eles pobres, pretos, ou quaisquer outros corpos autorizados a serem excluídos do mundo dos vivos.

Segundo Krenak (2019), a resistência tem três sentidos. O primeiro se refere ao sentido da agência pela busca da autonomia. Não quer dizer, necessariamente, que o corpo seja igual a todos os outros, mas que seja diferente e possa ser ativo enquanto tal. O segundo sentido se refere ao esforço pela subjetivação da experiência, ao seu modo. E o terceiro é marcado pela busca de respeito à diferença. Com escalas e tempos diferentes, dependendo do lugar social que ocupa. Os corpos, especialmente aqueles que estão situados em uma situação mais vulnerável nas relações econômicas e de poder, acabam mostrando essa resistência aos esforços de controle e disciplinamento que estão presentes na cultura e na sociedade.

Nesse caso, os corpos atravessam as idealizações e práticas sociais que condicionam e possibilitam a territorialização, que no caso específico desta pesquisa, está relacionada aos espaços apropriados nos bairros periféricos que abrigam a população empobrecida na cidade de Sobral-CE, em particular, na contribuição do microcrédito para suas agências e resistências em um meio marcado pela pobreza e violência. A necropolítica e as agências interseccionais produzidas por parte dos corpos que ocupam e dominam os mecanismos de controle e disciplinamento dos indivíduos encontram nesse lugar da periferia, muitas resistências, inclusive aquelas que se relacionam a identificar o seu lugar como exclusivamente violento. Foi comum, nesta pesquisa, se falar também do bem viver nesses lugares, da solidariedade, da unidade, misturado com as dinâmicas negativas já mencionadas aqui.

Também foi comum se falar nas mudanças provocadas pelo acesso ao microcrédito, de modo que o estudo buscou privilegiar a articulação entre os distintos aspectos culturais demonstrados pelos contratantes de microcrédito a partir da nossa compreensão dos relatos e práticas individuais que integram a efetivação do

Performance territorial dos contratantes de microcrédito na periferia de Sobral-CE  
Sara Heline Rodrigues de Brito Silva, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Nilson Almino de Freitas

microcrédito e a performance individual dos moradores ante a condição de tomador de crédito.

Nesse sentido, a atuação dos contratantes do microcrédito nos bairros periféricos de Sobral constituiu o campo empírico da pesquisa e, junto a estes, as performances individuais dos contratantes foram analisadas segundo os pensamentos, afetos, objetivos, funções, entonação, cenário de atuação e as correspondentes contribuições na territorialização e definição do lugar que ocupam na intersecção entre os propósitos das instituições financeiras que concedem o microcrédito e as reações e motivações dos contratantes, promovendo outras formas de resistência.

Os passos da pesquisa foram marcados por nossa observação presencial nos bairros periféricos, juntamente com os contratantes do microcrédito. Realizamos o registro de depoimentos livres, no primeiro momento, principalmente para ouvir e perceber o cenário dito e percebido dos moradores a respeito da periferia, dos seus bairros e ao mesmo tempo ouvir fatos de suas vidas, sentimentos e as trajetórias de trabalho, os recortes e atributos que os moradores narram. Os questionários semiestruturados e roteiros foram utilizados no segundo momento e nos permitiu estabelecer uma conversa mais aprofundada a partir das performances individuais, que possibilitaram maiores detalhes a respeito das ações e reações aos estímulos socioeconômicos. Efetuamos, assim, o esforço de reunir as pistas dadas pelos entrevistados, por meio dos afetos demonstrados nas falas, nos olhares, os cenários visitados ou ilustrados, na entonação da voz e nos sentimentos transmitidos durante as narrativas.

Junto com estes procedimentos, selecionamos histórias de vida a fim de identificarmos as situações que caracterizavam a performance territorial envolvendo, portanto, as ocorrências diversas da vida

pessoal, relações de amizade, motivações pessoais, a **lealdade** presente no **Aval Solidário**<sup>3</sup>, condição necessária para a obtenção e manutenção do microcrédito.

Entendemos que os depoimentos, gravados ou não, são narrativas criadas como agência de imposição de sentidos, desejos e potências, visando causar um efeito no interlocutor. Toda narrativa é socialmente mediada e é relacional. Não existe narrativa mais natural ou menos natural. Ela é performática, é sempre uma encenação ou invenção. Não no sentido pejorativo dos termos. Falamos sempre pensando para quem, para quê, sempre influenciados pelo meio cultural, moral e político no qual nos achamos e, por vezes, defendemos. Isso foi levado em consideração quando produzimos os depoimentos com nossos interlocutores. Foi uma produção compartilhada, pois passa pela mediação e participação ativa do pesquisador na produção do registro oral. Em razão dessa produção compartilhada, entendemos que foi importante termos a autorização do uso do depoimento para os fins desta pesquisa por meio da Carta de Cessão de Direitos, devidamente assinada pelo interlocutor. Usamos aqui, cinco entrevistas que ocorreram de modo presencial no período de 2019 a 2020, sendo uma gravada em áudio e quatro registradas em diário de campo.

A relevância deste estudo aponta para o entendimento das estratégias de sobrevivência dos moradores da periferia de Sobral, que envolvem a relação entre o microcrédito institucional e a constituição de uma territorialização, ou melhor, de uma performance territorial em seus bairros.

<sup>3</sup> O Aval Solidário é uma metodologia comum nas empresas de microcrédito que consiste em ceder o crédito, assegurado pelo comprometimento da pessoa física em pagar, integrando um grupo. Para isso, não há necessidade de apresentar garantias financeiras, tão somente o comprometimento dos membros em realizar o pagamento das prestações. A dívida, de fato, é do grupo, não é individual.

## A PERIFERIA DE SOBRAL-CE, A TERRITORIALIZAÇÃO, A PAISAGEM E O PESQUISADOR

A concepção da territorialização e seus agenciamentos coletivos e enunciação, segundo Haesbaert e Bruce (2002), destaca o regime de signos produzidos na *socius*. Assim, os atributos referentes à periferia sobralense são ressaltados, segundo nossa análise, a partir dos códigos enunciados e inventados, no sentido aqui já mencionado, pelos nossos interlocutores.

A cartografia oficial da gestão municipal é uma base importante para verificarmos os limites do território que pesquisamos. Ao falar de periferia, delimitamos aquela que abriga a população mais pobre, que possui arruamento irregular, geralmente definido por processo de ocupação popular, casas conjugadas e feitas de materiais diversos. Do ponto de vista dos moradores, pode ser chamada também de **quebrada**, **subúrbio** e, usando de empréstimo dos grandes centros urbanos brasileiros, podemos ouvir o termo **favela**. A territorialização por parte dos moradores não necessariamente coincide com os limites da cartografia da gestão municipal. Muitas vezes, o termo periferia não se refere necessariamente a um bairro específico. Vai além dos limites dos bairros, caracterizando, a partir das falas dos moradores, também dimensões culturais relacionadas a laços solidários mais próximos, com forte presença da personalidade, que caracteriza um reconhecimento dentre todos e controle de conduta individual mais intensa. A dimensão da pobreza e da violência também estão presentes nessas caracterizações, mas não são exclusivas. Às vezes, e foi uma constante nas conversas nos bairros visitados, acontece até o contrário: uma necessidade do morador de dizer que o bairro dele não é violento, como já dito aqui, mas é o bairro do lado que é o violento.

As habitações conjugadas, pequenas e sem muros, fazem com que os moradores ocupem as ruas para atividades como: estender roupas, conversar nas calçadas, praticar esportes, especialmente as crianças, dentre outras, fortalecendo o reconhecimento individual. As fofocas e mexericos ajudam nesse processo de **todo mundo conhece todo mundo**. periféricos, ampliando suas redes de relações.

Ao caminhar pelas ruas, os demais reconhecem o indivíduo e atribuem qualidades específicas que o identificam. As mudanças nas posses materiais, algumas delas produzidas em decorrência do acesso ao microcrédito institucional, obviamente chamam atenção de seus pares e fazem com que esse sistema de classificação social, produzido no cotidiano, seja modificado.

Dentre os vários bairros neste perfil em Sobral, delimitamos: Cidade José Euclides Ferreira Gomes (Terrenos Novos), Padre Palhano, Sumaré, Expectativa, Parque Silvana e Novo Recanto, destacados no mapa abaixo (Figura 1).

É nesse contexto socioespacial que contratantes e contratados envolvidos no sistema do microcrédito acionam seus corpos e falas no sentido de tentar encontrar uma mobilidade econômica que esteja de acordo com o desejo vendido pelas agências econômicas e governamentais, e comprado pelo microempreendedor, baseados na lógica do consumo e na cultura do empreendedorismo. Essa mobilidade muda relações pessoais e os indivíduos criam novas estratégias de territorialização a partir de novos usos de seus corpos na lógica da circulação econômica.

Nesse caso de Sobral, quando destacamos os fatos socioeconômicos, atrelados às ações do Governo Municipal, da elite local e a da população, da mesma maneira são relacionados os aspectos culturais, demonstrados por meio dos desejos individuais, ou seja,

Performance territorial dos contratantes de microcrédito na periferia de Sobral-CE  
 Sara Heline Rodrigues de Brito Silva, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Nilson Almino de Freitas

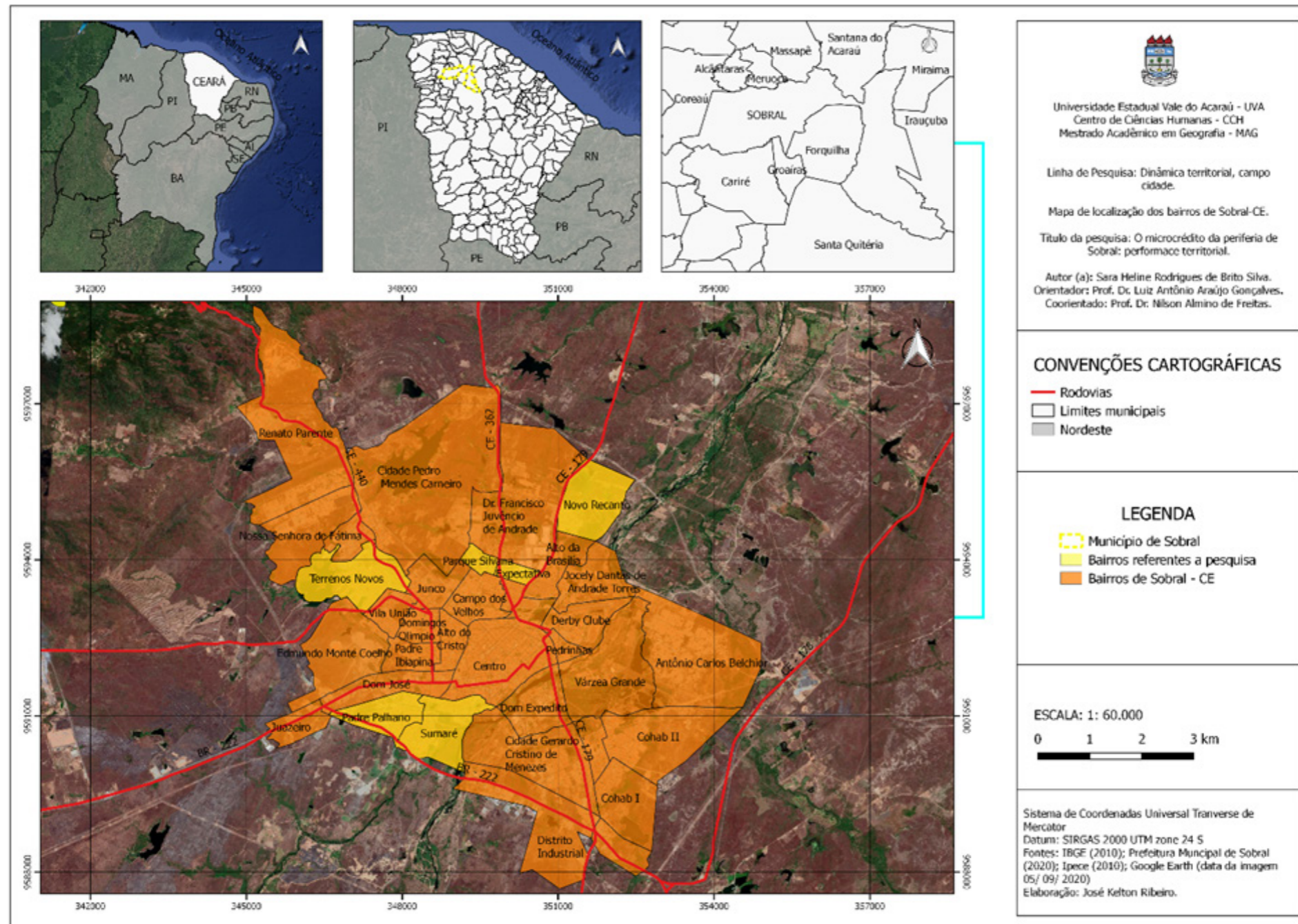


Figura 1 – Bairros selecionados na pesquisa na cidade de Sobral  
 Fonte: Ribeiro (2020).

Performance territorial dos contratantes de microcrédito na periferia de Sobral-CE  
Sara Heline Rodrigues de Brito Silva, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Nilson Almino de Freitas

os moradores, que ao tomarem decisões dentro do território da cidade des-re-territorializam.

Da mesma forma, o contexto socioespacial do bairro periférico pobre, como nos ajuda a pensar Appadurai (2004), vivencia uma paisagem social que mostra um mundo em deslocamento. Os indivíduos têm acesso fácil, seja pelos meios midiáticos, seja pelos imigrantes, refugiados, exilados, turistas e parentes que conseguiram viajar, a paisagens cada vez mais diversificadas, que parecem afetar as políticas das nações e dos lugares, afetando também a política entre as pessoas.

Aplicando a reflexão de Appadurai (2004) ao contexto socioespacial aqui analisado, a paisagem que afeta os indivíduos da periferia mostra diferentes movimentos que facilitam o entendimento dos desejos de consumo presentes nos bairros. Não são movimentos localizados. Pelo contrário, são movimentos globais, mas que estão presentes nos contextos locais. O autor fala da etnopaisagem, por exemplo, que facilita o conhecimento de culturas diferentes. Isso mobiliza a imaginação e cria novas formas de ver e viver o mundo no lugar. A tecnopaisagem, por sua vez, dá acesso a diferentes tecnologias que também rompem fronteiras territoriais. Na periferia vemos usos de smartphones, televisões de alta resolução, dentre outros aparatos tecnológicos, mesmo que seja menos frequente do que em bairros com moradores mais abastados. Acontece que a financiopaisagem cria a disposição do capital, que encontra uma velocidade e fluidez cada vez mais espantosa, atingindo até mesmo os pobres, como é o caso do microcrédito. A mediapaisagem, por sua vez, promove a circulação mais rápida de informações, ajudando a promover fluxos disjuntivos entre os grupos.

Percebe-se, portanto, a presença mais marcante da desterritorialização nos lugares, com movimentos que disputam os

territórios em diferentes lugares e contextos, como é o exemplo das facções presentes nos bairros periféricos, por exemplo. O fetichismo da produção mobiliza a ilusão de produção transnacional, dando uma cara de local para venda de uma soberania local. Também o fetichismo do consumidor em quem é investida uma lógica de mero receptor de programas de salvação via consumo ou venda de instrumentos que podem fortalecer o consumo, como é o caso do microcrédito, comercializando a ideia de que todos podem ser investidores ou empreendedores. Essa ideia é sustentada por uma ideopaisagem que impõe uma imagem de liberdade, soberania de si, prosperidade e, finalmente, prestígio social para aqueles que atenderem e adotarem esse perfil de empreendedor.

Todo esse movimento pode ser percebido nas falas daqueles que realizam empréstimos no microcrédito institucional nos bairros analisados. Falas que não podem ser pensadas somente como exemplos de pensamentos coletivos, mas como construções pessoais e parciais, pragmáticas e que visam causar um efeito no interlocutor. Não refletem acontecimentos passados, mas práticas presentes que vão tentar ser fundamentadas e justificadas por lembranças fabricadas para o contexto de interlocução. São invenções narrativas que visam impactar o interlocutor com um efeito de sentido sobre o acontecimento narrado. Não são mentiras, nem verdade. As lembranças são redefinidas pelos códigos negociados entre os interlocutores, visando atender determinados interesses envolvidos na negociação. A narrativa é situada em um tempo e espaço próprio de sua criação. Neste caso, o mais importante é o não dito, ou seja, os elementos não explícitos na fala que são agenciados para criação da narrativa. Para isso, o pesquisador tem de se alimentar de outras fontes e vivências para saber como interpretar, mesmo assim correndo o risco (que deixa de ser risco, já que não é possível dar conta de todos os elementos em jogo) de defasagens.

Performance territorial dos contratantes de microcrédito na periferia de Sobral-CE  
Sara Heline Rodrigues de Brito Silva, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Nilson Almino de Freitas

O importante, nessa perspectiva, passa a ser o processo, e não a fala ou fato narrado. Neste caso, a agência considera uma exteriorização da interioridade e uma interiorização da exterioridade no contexto de diálogo. A agência seria também resultado de afecções múltiplas que influenciam a narrativa. Os objetos, as coisas, as instituições, as narrativas dos outros e discursos regulados formalmente em lei, as cores, o ambiente, tudo influencia na construção da narrativa, afetando de alguma forma os interlocutores.

As narrativas, portanto, são expressões locais de experiências vividas num mundo em constante processo de territorialização, misturado com movimentos globais. Os entrevistados são moradores e moradoras dos bairros citados, trabalhadores, em sua grande maioria, inseridos na informalidade, contemplados por programas sociais de moradia popular e Bolsa Família. Os entrevistados compõem os diferentes personagens que participam do microcrédito, incluindo os representantes do contratante. O próximo tópico trata das narrativas dos entrevistados.

#### PERFORMANCES DOS AGENTES DE MICROCRÉDITO E DOS CONTRATANTES NA TERRITORIALIZAÇÃO

Para ressaltar a performance, entendemos que a identificação dos atores envolvidos na concretização do microcrédito é necessária, assim seguimos os passos realizados pelos agentes de microcrédito e aqueles que contratam esse mecanismo financeiro, e ainda as instituições públicas que integram essa rede de afecções relacionadas ao microempreendedorismo. Conseqüentemente, os fatos cotidianos foram colhidos, de maneira que tornou possível a visualização do afeto no campo relacional, em-entre [*in-between*] (Shouse, 2005 apud Paiva, 2018) entre os corpos,

no caso, quais afetos estão presentes, desde o ato da busca pelo microcrédito até sua utilização para fins diversos e relacionados ao empreendedorismo na periferia citada.

Esse aspecto do afeto é de importância considerável, já que o afeto em destaque é uma ferramenta de condução das ações dos atores; como o afeto que predomina entre os empreendedores para buscar o microcrédito, que resguarda a **esperança** de ter cada vez mais acesso a uma quantia mais elevada e, assim, poder garantir a superação de uma situação econômica atual, encontra-se com o afeto da potencialidade do mecanismo financeiro, segundo as agências que ofertam o microcrédito.

Nesse âmbito, são os afetos presentes entre esses atores que orientam o performar, destacando, segundo observamos: o tom de voz durante a interlocução com o agente, podendo demonstrar submissão ou parceria, os movimentos de demonstração no território para garantir parceria para o aval solidário; os objetivos e funções e o cenário que percorrem, as mudanças nas práticas e as contribuições na territorialização e desterritorialização, como uma ação contínua.

Partimos, portanto, da compreensão que o microcrédito institucional é uma prática constante nesses bairros aqui já citados como foco dessa pesquisa em Sobral-CE. As performances dos agentes do microcrédito constituídas no território concretizam-se visando convencer os moradores que possuem condições, de acordo com os objetivos e funções que os próprios contratantes do microcrédito vislumbram, para que sejam realizados contratos com os moradores, uma vez que estes anseiam pela independência financeira e recursos para consumir. Associado a isso, a performance perante os incentivos públicos municipais; capacitação profissional e a formalização dos pequenos negócios, acabam afetando e



Performance territorial dos contratantes de microcrédito na periferia de Sobral-CE  
Sara Heline Rodrigues de Brito Silva, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Nilson Almino de Freitas

reforçando a dinâmica da implantação de uma cultura empreendedora entre as pessoas no bairro. Neste caso, dois tipos de agências e performances vão ser destacadas na análise aqui proposta: a do agente de microcrédito e a dos microempreendedores. Nesta interpretação da performance territorial ressaltamos, primeiramente, a percepção dos agentes entrevistados. Um agente<sup>4</sup> argumenta que:

Olha a gente vai percebendo tudo. Na formação do grupo, eles conversam nas reuniões e também nas visitas. Então a gente vê que eles querem tornar melhor alguma coisa na vida deles. A maioria quer realmente investir, porque acredita que vai dar certo e eles têm de ampliar a atividade. Então quando eles procuram fazer é mais pra satisfazer algum plano (Agente de microcrédito urbano – entrevista em setembro de 2020).

Os discursos dos agentes de microcrédito são diferenciados com relação à classificação do bom e do mau cliente, conforme a intenção e capacidade de compreensão do cliente a respeito do que é o mecanismo, como funcionam os juros e taxas. Outra variável importante para avaliação do cliente por parte do agente é a que se refere à intenção do empreendedor. A conversa do empreendedor que tenciona investir é mais consistente, definida e denota pouca alteração no decorrer da renovação dos empréstimos. Quando o empreendedor quer realizar o empréstimo para outras situações que não compreendem o investimento na atividade, segundo o agente do microcrédito, é perceptível a oscilação nas narrativas quanto ao destino que pretende dar ao dinheiro.

Dessa maneira, segundo o agente citado, quanto maior a necessidade do crédito, o tom de voz será de **humildade e**

<sup>4</sup> Optamos em omitir o nome do contratante em função da fala dele se referir a certas situações que podem comprometer sua confiança em relação aos contratados.

**submissão**<sup>5</sup> perante o agente de microcrédito e o Banco. Quando, porém, o empreendedor já possui uma autonomia mais significativa com relação ao microcrédito e sua compreensão sobre o mecanismo é mais ampla, no que se refere ao reconhecimento do pagamento de juros e taxas, a relação é de parceria. Logo, o tom de voz revela uma situação de colaboração, em que o empreendedor reconhece que está pagando para obter o crédito, desligando-se da concepção **do favor** ou do desmerecimento da confiança bancária, implícita na velha concepção do não acesso dos pobres aos serviços bancários.

Em ambos os casos de intencionalidade, a utilização do microcrédito e remanejamento para outras situações são percebidas, junto a estas as narrativas de honradez são expressas a fim de que o convencimento quanto a aprovação e valor do microcrédito atenda aos anseios idealizados. Segundo relato do agente:

Às vezes a gente percebe esse sentimento de vítima, mas realmente talvez é o que muitos vivem, esse sentimento de não ter apoio, sem ter uma escapatória, naquele momento, para aquele problema ligado à sua renda, ou a uma atividade que deseja realizar. Assim, a falta de recursos, por isso expressam suas necessidades e fragilidades, também no tom da voz (Agente de microcrédito urbano – entrevista em setembro de 2020).

Mais uma vez vale a pena frisar que a performance nesse tipo de situação, entre o agente e o contratante, não é homogênea nem segue um sistema definido de modelos padronizados de relações e reações. A sistematização aqui feita serve somente para fins de compreendermos que o corpo não é máquina que reage de forma

<sup>5</sup> Humildade e submissão: pelo fato de reconhecer a necessidade de obter o microcrédito, o cliente assume um comportamento de humildade perante o agente de microcrédito. Há, também, a compreensão de que está na mão do agente do microcrédito a aprovação do valor, quando, então, as submissões se tornam sensíveis.

Performance territorial dos contratantes de microcrédito na periferia de Sobral-CE  
Sara Heline Rodrigues de Brito Silva, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Nilson Almino de Freitas

única e que a conduta diante do contrato depende de muitas variáveis em jogo, inclusive algumas que não são perceptíveis na situação de pesquisa, na relação entre os interlocutores e o pesquisador. Entretanto, a palavra do agente de microcrédito tem relação com a experiência dele, e ele precisa ter esses modelos em mente para saber o que fazer em diferentes situações.

Mesmo mostrando um modelo de relação entre os clientes, o agente, e os contratantes não têm o controle total sobre o território moral e político das agências corporais múltiplas no território. Um exemplo é o esforço desse profissional colocado em xeque, quando parentes e vizinhos formam o grupo solidário e há descumprimento dos contratos por parte de alguns, prejudicando o uso do microcrédito. Outro exemplo é a utilização do dinheiro para outra finalidade que não aquela firmada em contrato. Segundo o agente:

Infelizmente, às vezes as pessoas têm pressa de conseguir o aval solidário. Então pessoas que não se conhecem direito formam o grupo. Dá certo, mas é aquela coisa, mas também tem pessoas que querem fazer, mas estão com restrições, então tudo isso vai diminuindo as possibilidades de obter o microcrédito (Agente de microcrédito urbano – entrevista em setembro de 2020).

Além disso, o agente chama atenção para o fato de ser comum entre os contratantes iniciantes, deslumbrados com a possibilidade do acesso ao microcrédito, e ainda não acostumados com a proporcionalidade do valor do crédito e a possibilidade de utilização no investimento na atividade, demonstrar objetivos desproporcionais. Para isso, utilizam-se de **um fluxo de caixa fantasioso**, segundo o agente de microcrédito, para obter o valor do crédito conforme esperado.

Já os contratantes mais experientes possuem objetivos mais precisos relativamente à aplicação do microcrédito e à consonância

entre a proporcionalidade do valor do crédito e a possibilidade de investimento. Em ambos os casos, no entanto, referentes aos objetivos traçados e verbalizados pelo contratante, existem as particularidades em que, mesmo com experiência, os objetivos preestabelecidos não condizem com a funcionalidade do empreendimento que será efetivada. O relato a seguir mostra um pouco isso:

Olha, infelizmente existe a má índole. Quem já faz querendo não pagar, atrasar. Aí tem cliente que não fala mais com o outro, ameaça e tudo. Tem cliente que inventa circunstância, ou aumenta. Tem vários tipos. Não dá pra colocar todo mundo no mesmo lugar, mas a grande maioria quer investir ou investe a maior parte do valor recebido. E assim eles organizam a sobrevivência deles (Agente de microcrédito urbano – entrevista em setembro de 2020).

Outro aspecto é o sentimento de insatisfação sobre a condição atual por parte de quem busca o microcrédito. Fala da queixa de seu **estado atual** de ocupação, falta de bens, ou como o empreendimento cria desejos de possíveis situações de superação. O pensamento motivador para realizar o microcrédito é o pensamento de superar uma situação socioeconômica e também de reconhecimento dentro do bairro. Alguém que não **fazia nada** e agora **faz** é motivo de orgulho e respeito por parte de seus pares. Assim, a realização e a busca de crédito têm relação com o sentimento particular de satisfação e superação de sentimentos negativos de si e para com seus pares. Ao mesmo tempo, reforça um desejo por competição que pode enfraquecer relações com alguns que são competidores ou fortalecer relações com outros que vão ser aliados, mesmo que provisórios, pela busca do sucesso.

Estes exemplos mostram que o território só pode ser compreendido pensando a relação de reciprocidade entre os corpos

Performance territorial dos contratantes de microcrédito na periferia de Sobral-CE  
Sara Heline Rodrigues de Brito Silva, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Nilson Almino de Freitas

individuais. O que se projeta é um corpo que visa ser **vitorioso** e, na medida que outros corpos ajudam, as alianças duram.

Mauss (2003) vai chamar atenção para a construção de uma teoria de funcionamento da reciprocidade, ao que ele se refere como dádiva. A ideia do autor é pensar em mecanismo social que justifica alianças e cisões entre as pessoas, pensando um modelo de relações sociais mais dinâmico. Isso afeta diretamente a territorialização dos espaços de sociabilidade entre as pessoas. Envolve um sistema de prestações pautadas na tríade: dar, receber e retribuir que formam uma circularidade que constrói relações ou as destrói, dependendo das ações individuais, no sentido de fortalecê-las ou enfraquecê-las. É preciso sempre estar alimentando esse movimento, seja dando, recebendo e retribuindo bens simbólicos ou materiais. O autor, portanto, não está pensando somente em aspectos econômicos. O microcrédito é uma repercussão desse tipo de relação, que vai além do econômico, formalizada por um contrato que envolve várias pessoas.

Como pensa o autor, por ser um fenômeno social total, a dádiva não está restrita ao campo econômico, envolve também e afeta a moral, a honra, a política e até relações de parentesco, em alguns casos, se for ou não alimentada. Quando o indivíduo quebra esse ciclo da tríade citada, a tendência é o afastamento e isolamento do grupo. O fato de o microcrédito ser um contrato formal não quer dizer que envolva somente comportamentos no campo econômico, como já dito, apesar do contrato ser voltado para isso. Envolve afecções múltiplas por parte de cada integrante do grupo, onde dádiva, obrigação e liberdade se misturam. Ao mesmo tempo, há mudanças de posição social, dependendo do comportamento no grupo solidário. Vejamos o depoimento de uma contratante de microcrédito que há 15 anos, usufrui desse benefício:

Eu fiz a primeira vez há 15 anos atrás. É bom pra investir, sabe? Eu ganhei muito dinheiro naquele tempo. Se fosse hoje, teria feito diferente algumas coisas, mas foi bom. Fiz foi muita coisa, o terreno dessa casa, construí cômodo por cômodo, vou trabalhando, não sou rica, mas sou feliz, então sou satisfeita com minhas escolhas. Criei minha filha, ela faz faculdade, já me ajuda aqui em casa e tá bom (Maria da Conceição – entrevista em dezembro de 2019).

A **vitória** é uma busca constante, mas é permeada por satisfações provisórias em uma suposta trajetória da vida projetada por Maria Conceição. Inicialmente, ela começou a atuar com perfumaria e industrializados. Atualmente, continua com venda de perfumaria, mas também costura e faz artesanato em casa, onde usa o primeiro quarto da casa, voltado para a rua. O empréstimo, ao mesmo tempo que se constitui com a ajuda do contrato assinado por um grupo, fortalece o indivíduo financeiramente na busca pela efetivação do seu projeto, envolvendo mudanças nas relações familiares.

Para o banco, a racionalização desse processo de uso do recurso financeiro é fundamental. Entretanto, o cumprimento do contrato vai além dos rigores do código do direito, envolve também questões morais e simbólicas, já que a mudança nos hábitos de consumo, na sua moradia e na sua vida familiar promovidas pelo crédito afetam na forma como cada um é visto dentro do bairro. Sobre o uso dos recursos financeiros, no depoimento ela fala o seguinte:

Bem, não vou mentir, já usei para pagar alguma conta, mas a maior parte eu uso mesmo para comprar mercadoria, as roupas, porque se você não reabastecer, então você não vende, porque se não tem novidade, então os clientes percebem e vão comprar em outro lugar. Tem que ter novidades, aí você vai misturando as mercadorias. Então a gente investe que é pra ter retorno. Aí, se precisar pra outra coisa, às vezes eu pego. Mas aí tem que ter cuidado, porque quando chega o dia tem que pagar, porque é bom tirar, então tem que manter o negócio (Maria Suzete – entrevista em agosto de 2020).

Performance territorial dos contratantes de microcrédito na periferia de Sobral-CE  
Sara Heline Rodrigues de Brito Silva, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Nilson Almino de Freitas

Maria Suzete vende vestuário e perfumaria em uma sala próxima à rua. O caso dela é um exemplo de contratante que investe e tem a atitude modificada no seu cotidiano. Isso é percebido pelo prosseguimento da atividade. Os esforços realizados pelos moradores dos bairros periféricos em busca ou impelidos a abastecer-se do microcrédito mostram um contratante que passa a ter sua capacidade individual socioeconômica reforçada, de maneira que a utilização do dinheiro na atividade induz a pensar que está escapando das vulnerabilidades socioeconômicas. Assim, passam a organizar sua sobrevivência, inserindo-se no consumo criando outras interações em suas relações pessoais. Segue um relato de Maria da Conceição, que fundamenta esta ideia:

Quando eu tinha a loja assim organizada, porque antes aqui tudo era lotado, eu sentia que tinha mais importância, me relacionava mais com as pessoas. Porque você é mais procurada, e acaba conversando, conhecendo, convivendo. Eu era mais respeitada, mais admirada, pela luta e por conseguir, também por causa das mercadorias, porque eu vendia natura (Maria da Conceição – entrevista em dezembro de 2019).

Conseqüentemente a circulação dos contratantes para efetivar o empréstimo passa pelas casas dos vizinhos e parentes para a articulação do aval solidário, no ponto de comércio e/ou de serviços, no posto de atendimento onde a proposta é assinada e na fila do banco para a retirada do crédito. As experiências são compartilhadas quando a decisão do banco é favorável, pensando juntos onde realizar o microcrédito, as condições para aplicar e no que pretendem direcionar o investimento. Ao conseguir o empréstimo, isso contribui no fortalecimento de prestígio que a contratante passa a desfrutar perante os seus pares e vizinhos. A suposta **confiança** do banco de que o contratante está apto a realizar o microcrédito, e também a

investir para uma atividade, repercute no bairro conforme os contatos que o contratante possui, e também pelo boca a boca, que prevalece entre os moradores, a respeito da expectativa do investimento no bairro ou na melhoria dos empreendimentos.

Dois aspectos são importantes para serem consideradas nessa construção de prestígio, conseqüentemente, na territorialização dos corpos individuais no bairro e a influência que o microcrédito exerce nessa agência: a honra e a fofoca. Fonseca (2000) vai definir honra a partir de uma reflexão de Pitt-Rivers, afirmando que se refere à relação entre o que é imposto socialmente ao indivíduo como conduta **normal** e a forma como cada um reproduz, personificando essa conduta. Neste caso, é uma tensão entre sentimento individual de fortalecer um orgulho pessoal, pensado no enobrecimento de sua imagem perante seus pares, e o que a autora chama de **código de honra**, pautado na interação social, onde o prestígio é avaliado e negociado como bem de troca simbólico no cotidiano do território que ocupa.

Portanto, a honra está situada no registro das relações de poder e tem relação direta com a reciprocidade do dar, receber e retribuir já discutido aqui, pensado não só no sentido material, mas também simbólico, afetando na dinâmica do território. Nos bairros periféricos, a fofoca passa a ser um instrumento importante para construir parâmetros do que é conveniente ou não se fazer no bairro. Como nos estimula a pensar Mayol (1994), o corpo é fundamental para passar uma mensagem social que articula a conformidade com o que é conveniente se fazer no território.

As transgressões aos códigos do que é conveniente ou não se fazer têm inúmeros significados, dependendo do grupo com o qual a pessoa se relaciona. A reputação pessoal é importante em qualquer contexto, mas o conteúdo da agência avaliada como transgressora vai depender de quem está envolvido.

Performance territorial dos contratantes de microcrédito na periferia de Sobral-CE  
Sara Heline Rodrigues de Brito Silva, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Nilson Almino de Freitas

No âmbito das relações com pessoas e instituições fora do bairro, existe um forte investimento por parte da prefeitura municipal no envolvimento dos moradores na cultura empreendedora. A gestão municipal investe em capacitações profissionais nesse sentido e na criação de espaços de comercialização no bairro em formato de feiras, a partir da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Econômico. Um exemplo é o que anuncia o artigo de Sousa (2019):

O bairro Gerardo Cristino de Menezes, mais conhecido como Parque Santo Antônio, em Sobral-CE, foi palco ontem 09/08, de um evento que agregou diversos moradores e pessoas de outros bairros para prestigiar a Feira de Negócios... Essa ação é uma iniciativa curricular que faz parte do curso Sobral Empreendedor. O Curso Sobral Empreendedor é realizado numa parceria entre Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Econômico– STDE / IDETAGRO, Projeto Olhar na Gente e Capela Santo Antônio, enfatiza a responsável Ivânia Sousa, moradora do bairro e idealizadora do Projeto Olhar na Gente (Souza, 2019, n.p.).

Todo investimento do poder público é no intuito de convencer de que a cultura empreendedora é a solução, não só para a falta de emprego, mas também para que as pessoas possam tornar-se patrões. Na mesma matéria citada, podemos ler o seguinte trecho sobre isso:

Nas palavras de Ivania Sousa “A Feira foi uma aula prática do curso que teve como objetivo despertar nos nossos alunos o olhar e ainda a experiência de ser um empreendedor”. Na ocasião, os alunos puderam experimentar como articular noções de empreendedorismo, levando para aquele momento e espaço, os conhecimentos adquiridos, só que agora de forma prática, apresentando algo para ser negociado, tudo de acordo com as matrizes de orientação sobre como gerir iniciativas de negócios, ressaltando que suas propostas valorizam ainda mais os potenciais existentes dentro dessa periferia (SOUSA, 2019, n.p.).

No trabalho de campo dos pesquisadores, percebeu-se que nas situações em que o microempreendedor e também contratante do microcrédito são envolvidos em iniciativas que, na concepção do poder público, servem para o enfrentamento do desemprego, com a oferta de cursos para a formação profissional e a valorização do que as pessoas do bairro sabem fazer, o que comercializam por ocasião das feiras, nessas situações, o tom de voz demonstra passividade e parceria. Alguns depoimentos mostram que houve interesse em participar dessas formações quando valorizam o que sabem fazer. É o caso de Maria da Conceição, que diz:

Fui na escola da minha filha e lá estavam oferecendo um curso de EVA, eu tinha me cansado de venda, passei por um momento em que não queria saber de venda, então fiz esse curso de EVA, na época estava no auge e eu já tinha o dom para essas coisas de arte e pintura. Fiz também dois cursos, um no SENAC, de secretariado escolar, por dois anos, mas não quis seguir com isso, e outro no Pronatec, de costeira, desse eu gostei e até pretendo montar um ateliê (Maria da Conceição – entrevista em dezembro de 2019).

Existem variações na maneira como participam dos cursos, nas feiras, concorrências e nos editais de ocupação da Praça do Empreendedor. Ronaldo e Andressa atuam no campo da impressão gráfica e venda de produtos industrializados diversos, em casa (loja on-line) e em boxe na Praça do Empreendedor, no bairro Sumaré. Ronaldo diz que:

Mas tudo isso foi muito impulsionado por causa da Praça do Empreendedor, discutimos com relação ao capital, mas não tínhamos visto a viabilidade. No dia do Edital, nos inscrevemos e fizemos o CNPJ, um dia antes do Edital, mas antes usávamos o CNPJ do pai dela. Antes do resultado, vivia na STDE, procurando informações, até que saiu o resultado, e o nome dela estava, esperamos 1 mês (Ronaldo e Andressa – entrevista em agosto de 2020).

Performance territorial dos contratantes de microcrédito na periferia de Sobral-CE  
Sara Heline Rodrigues de Brito Silva, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Nilson Almino de Freitas

Mesmo gerando satisfação parcial por parte de alguns que se submetem aos ditames do poder público nesse sentido de implementar a cultura do empreendedorismo, é verificada também uma expectativa de maiores incentivos, principalmente no que concerne ao incentivo às feiras, pois esses momentos possuem simbologias que envolvem a interação da população do bairro também para outras atividades, como o lazer familiar, e a projeção que a feira traz para o microempreendedor, de maneira que a comunidade passa a reconhecer o que ele ou ela fazem. Segundo Maria da Conceição:

Eu estou aqui na feira, o pessoal do CRAS convidou a gente, então aceitei, pra mim que estou me levantando, voltando a fazer minhas coisas é importante, porque as pessoas veem, aí quando precisarem, sabem o que eu faço, tipo lembrancinha de aniversário, kit de maternidade, costuras e consertos, cortinas, quites de cozinhas. Então eu vim pra ver como é o movimento e atender o pessoal que convidaram (Maria da Conceição – entrevista em dezembro de 2019).

Outro aspecto importante notado no trabalho de campo é a maneira como os contratantes se comportam perante a concepção das classificações que são atribuídas a estes ao receberem ou se denominarem com o título de autônomo e/ou um microempreendedor. Isso afeta seu prestígio e ação no bairro, conforme relato, em que o contratante tem a consciência do título que possui de microempreendedor em virtude da formação que possui e como deve agir e esperar do negócio. Ronaldo fala de Andressa, lembrando desse aspecto da concepção corrente que se tem de como funciona o microempreendedorismo e a reação que se tem quando passa a cumprir as regras contratadas:

Ela estudou o ensino médio na Lisia Pimetel, e cursou na mesma escola o curso técnico de Logística, e sua preocupação estava

voltada ao ENEM, na mesma época cursava informática avançada, também participou de cursos sobre empreendedorismo e da Empresa Júnior. Começaram a ter dificuldades, porque se eu tenho 1.500 para transformar em 2.500, o empreendedorismo escalonado, continua. Isso é um processo demorado. Ela achava que tinha que ter o dinheiro imediato para investir, a quantia que eu queria investir. É tanto que durante um ano não fizemos nenhuma alteração na loja online, que funcionava na casa dela e eu ia pra lá (Ronaldo e Andressa Silva – entrevista em agosto de 2020).

As reações quanto à participação na formação profissional voltada ao empreendedorismo e a participação nas feiras é variada. Isso porque os microempreendedores decidem participar ou não da capacitação profissional, na medida em que avaliam como a formação oferecida contribui para a atividade, ou seja, como a capacitação pode afetar seu empreendimento positivamente no combate às vulnerabilidades, sejam estas de ordem financeira e ou técnica.

Alguns outros elementos de territorialização devem ser pontuados. Nas circunstâncias das feiras, o desempenho dos corpos individuais é caracterizado pelo esforço em transportar as mercadorias e os serviços, motivar familiares e vizinhança para a participação no momento da feira, para o local determinado. A feira é organizada em ponto específico do bairro, como praças e/ou nas principais ruas dos bairros, cuja acessibilidade seja garantida e já reconhecida pelos moradores. Portanto, uma resignificação dos espaços no interbairro.

Na Praça Vitória, por exemplo, onde acontece a feira em frente a um dos portões da Grendene, foi verificada a presença de moradores dos bairros Parque Silvana e Expectativa, bem como de trabalhadores da fábrica que saíam de seus turnos. Percebe-se, ainda, a frequência familiar, na qual são conciliados lazer e consumo.

As feiras confirmam a participação de donos de pequenos negócios - comércio e serviços nos bairros, fazendo crescer o

Performance territorial dos contratantes de microcrédito na periferia de Sobral-CE  
Sara Heline Rodrigues de Brito Silva, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Nilson Almino de Freitas

fluxo para o abastecimento de mercadorias para os moradores no interbairro, como também o surgimento de postos de trabalho, contribuindo para a recriação das simbologias, como a valorização do que é feito e por quem é feito, por moradores e conhecidos e também pela possibilidade de gerar renda para os membros familiares. A ideia de ser **trabalhador** e **batalhar** pela sobrevivência cria status social e consolida relações de prestígio. O termo **batalhar** tem relação com a situação de tensão e competição entre os vendedores, próprios do individualismo presente na cultura empreendedora. O mérito do prestígio social que alcança passa a ser entendida como uma atribuição exclusivamente individual. O investimento de qualquer outro agente institucional, público ou privado, é uma **ajuda** dada ao seu esforço. Geralmente, não é vista como um serviço, mas quase que um **favor**.

Ante o exposto, verificamos que a territorialização e desterritorialização ocorrem continuamente na medida em que a performance territorial do contratante perante o microcrédito é alterada, pois inicialmente está relacionada ao comportamento individual em resposta às motivações em seu território. Mas que as narrativas propagadas pelos bancos, os próprios moradores dos bairros e pela Secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Econômico (STDE), que afirmam a vantagem do autoemprego e reforçam a performance de **batalhar**, sobre qual ocorrem a distribuição de pequenos negócios no interbairro, alterando a paisagem, a utilização e funcionalidade das residências, bem como as próprias práticas dos moradores, que passam a ter no bairro serviços variados que anteriormente não possuíam, ou possuíam em menor quantidade.

Assim, com relação aos pensamentos e afetos daqueles que buscam no microcrédito, uma solução, verifica-se que ao entrarem em contato com as **propostas de superação** de situações desfavoráveis

do ponto de vista socioeconômicas, a decisão da contratação do microcrédito é pessoalizada, tanto na utilização do valor na formação e o sustento da atividade, quanto no tipo de atividade e a maneira específica de organizar-se para iniciar e dar continuidade às suas práticas de **microempreendedorismo** nos bairros, portanto na busca do crédito e sua utilização são verificados a sobreposição dos agentes maquímicos dos corpos, decidindo qual tipo de empreendimento, o valor real a ser investido, territorializando o interbairro.

Assim, a territorialização da crença e deterritorialização ocorre tanto a partir das decisões dos contratantes do microcrédito, quanto a utilização do valor do empréstimo, em um percurso realizado no qual o contratante passa a atuar no intuito de fortalecer sua crença de alcançar o propósito no qual mostra estar convencido. Ao menos é o que sempre apresenta no momento da contratação do microcrédito. Nesse contexto de atendimento ou não a essa crença à qual mostra estar aliado, são informados aspectos positivos ou negativos da operação bancária, que passa a ser caracterizado pelo contratante como um mecanismo para o enfrentamento de seus problemas pessoais na sociedade em que vive. Isso é divulgado na vizinhança pelos agentes do microcrédito, colaborando para a propagação da **crença** na cultura do empreendedorismo entre os moradores do bairro. Essa divulgação também pode partir de um comerciante ou prestador de serviços que tem conseguido consolidar sua atividade no bairro.

Quanto ao fato de o contratante entrar em sintonia com os desígnios propostos pelo mecanismo socioeconômico, essa classificação contempla, do ponto de vista do banco, a manutenção da atividade econômica. No entanto, a adaptação e sintonia do ponto de vista do contratante refere-se à utilização do microcrédito para propósitos que envolvem a sobrevivência familiar, as prioridades de consumo e a possibilidade de reunir o valor adquirido via microcrédito para a realização de propósitos pessoais, como a

Performance territorial dos contratantes de microcrédito na periferia de Sobral-CE  
Sara Heline Rodrigues de Brito Silva, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Nilson Almino de Freitas

construção de casa, obtenção de veículo automotor, dentre outros bens de consumo que fazem parte do desejo de cada um.

Do ponto de vista coletivo, identifica-se no trabalho de campo da pesquisa a participação do microcrédito em agências significativas que provocam mudanças nas práticas cotidianas dos moradores dos bairros periféricos. Essas mudanças se referem ao sentimento que o morador passa a desfrutar nos vínculos de confiança, transformando sua posição para uma situação de um certo **prestígio** junto aos demais moradores. Isso vai depender também do valor progressivo que consegue retirar, sua aplicação no empreendimento e nas práticas de consumo que seus pares consideram conveniente para trazer benefícios para sua sobrevivência.

Ao mesmo tempo que reforça determinados modelos de solidariedade pautada no prestígio, o morador passa a ter outras obrigações com seus pares no que se refere à tríade do dar, receber e retribuir, relacionadas à dádiva e à reciprocidade entre seus pares. Isso faz com que seja impelido a ter o poder de escolher dentre aqueles com os quais prefere ter laços cotidianos solidários e aqueles dos quais prefere se afastar. Dentre aqueles com as quais prefere manter distância, estão seus **rivals** ou competidores no ramo do mercado que está empreendendo o recurso financeiro emprestado. A própria lógica do aval solidário, já mencionada aqui, gera certo mal-estar, especialmente quando se percebe que alguém não está colaborando, corroendo os laços solidários que existiam no momento do contrato. A lógica da competição individualista e o estímulo ao consumo geram tensões, em alguns casos. Isso nos leva a algumas considerações gerais, para finalizar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise a respeito da territorialização da periferia de Sobral com amparo na participação do microcrédito e a performance

territorial nos possibilitam algumas reflexões importantes. Uma delas é que a contribuição financeira do microcrédito, aliada à condução do contratante, compõem na periferia pobre da cidade, condições socioeconômicas para o morador investir no próprio bairro, territorializando-o, não só a partir das atividades que realizam, mas também na maneira como fazem, conforme as condições e jeito peculiar de trabalhar. Seja a partir do aproveitamento de um cômodo da residência, da busca de clientela entre os conhecidos, em que o consumo ocorre por meio da confiança (fiado), seja na movimentação que causam nos fluxos das ruas onde esses pequenos negócios estão localizados, ou nas simbologias, ou ainda na satisfação de saciar necessidades básicas relacionadas ao comércio e aos serviços no bairro.

Quanto à cultura do empreendedorismo, que valoriza o esforço individual em superar problemas de falta de emprego e condições de consumo, ela esconde uma responsabilização da população pobre para a superação de problemas socioeconômicas. É como se dissesse que a resolução das desigualdades sociais estivesse nas mãos de cada um. Caso faça opção por não ser empreendedor, o morador é **culpado** da situação de pobreza, pois não quis empreender. Os problemas sociais, nessa perspectiva, parecem não ter relação com a injusta distribuição de renda e desigualdade provocada pelo sistema econômico vigente. Essa cultura do empreendedorismo também provoca uma busca por mais recursos financeiros, seja entre os bancos, na família ou na agiotagem. O emprego formal é desvalorizado em função da ideia do empreendedor ser seu próprio **patrão**.

Existem situações em que o contratante não consegue êxito no seu empreendimento. Em ambos, os casos de sucesso e os daqueles que não obtêm sucesso, há uma alteração na morfologia das práticas de territorialização do bairro, como visto aqui, resignificando as possibilidades de organização e consumo em seus territórios. ○



Performance territorial dos contratantes de microcrédito na periferia de Sobral-CE  
Sara Heline Rodrigues de Brito Silva, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Nilson Almino de Freitas

## REFERÊNCIAS

- APPADURAI, A. **Dimensões culturais da globalização**. Teorema: Lisboa, 2004.
- ESPINOSA, B. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- FONSECA, C. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- GONZALEZ, L.; RIGHETTIB, C.; DI SERIOC, L. C. Microcrédito e impacto sobre a geração de renda: o caso do banco real. **Rev. Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 453-476, 2014.
- HAESBAERT, R.; BRUCE, G. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. **Geographia**, Niterói-RJ, v. 4, n. 7, p. 7-22, 2002.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MAYOL, P. "A conveniência". In: CERTEAU, M. de. **A Invenção do Cotidiano**: 2 – Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 46-69.
- MAUSS, M. Introdução – Da dádiva e, em particular, da obrigação em retribuir os presentes. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p.185-193.
- MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 122-151, 2016.
- PADOVANI, N. C. É Possível Fazer Ciências Sociais sem uma Análise Crítica das Categorias de Diferenciação? Uma Proposição Feminista. **Caderno de Estudos Sociais e Políticos**, Rio de Janeiro, v. 07, n. 12, p. 6-30, 2017.
- PAIVA, D. Teorias não-representacionais na Geografia II: métodos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, Lisboa, v. 53, n. 107, p. 159-168, 2018.
- PRADO, R. M. Cidade Pequena: paraíso e inferno da pessoalidade. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 31-56, 1998.
- SOUSA, Vicente de Paulo. Agentes da periferia de Sobral-CE promovem empreendedorismo social. **Agência de Notícias das Favelas**. 10 ago, 2019. Disponível em: <https://www.anf.org.br/agentes-da-periferia-e-o-empreendedorismo-local/>. Acesso em: jan. 2024.
- WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Submetido em maio de 2023.

Revisado em outubro de 2023.

Aceito em dezembro de 2023.